

# O panorama depois da convenção

Como vai ficar a economia depois da Convenção do PMDB?

Boa pergunta.

No Ministério da Fazenda a resposta seria unânime: não muda nada.

Por que essa resposta? Porque o ministro Bresser Pereira tem o seu programa econômico para ser executado e esse programa admite apenas adaptações menores; nada de mudanças relevantes em função de circunstâncias políticas. Por exemplo, o adiamento da divulgação do plano macroeconômico é uma concessão menor ao ambiente político, mas na essência o plano — que será divulgado depois da Convenção — continua o mesmo.

As avaliações nas áreas menos técnicas do governo incluem, todavia, nuances mais ricas, mais sofisticadas e de prazo maior.

Há uma predominância da convicção de que a Convenção do PMDB aprovará o mandato de cinco anos para o presidente Sarney. Isso terá três impli-

cações pelo menos: 1) o PMDB estará mais solidário com o governo e, portanto, com o programa econômico que o governo estará executando, queira ou não queira; 2) em compensação, o PMDB estará mais à vontade para imprimir aos atos do governo, inclusive na área econômica, suas marcas próprias, em função mesmo do aval que deu ao presidente; 3) o próprio presidente Sarney terá de assumir a governança do País em caráter mais decisivo, uma vez que não haverá mais o pretexto da indefinição sobre a duração do seu mandato.

Os militares estão com uma postura ambígua diante dessa hipótese. Estão encarando apreciativamente a gestão de Bresser Pereira. O estilo de Bresser tem sido elogiado. Ele fala o que pensa, inclusive para os seus correligionários; tem um programa de ação razoavelmente claro; e é despachado, ou seja, resolve o que tem de ser resolvido e não fica encompridando conversa para fazer média com o interlocutor. Exemplo: as suas reuniões com o presidente Sarney são na

maioria de trabalho mesmo. Não fica forçando solicitude e dilatando a pauta para poder se insinuar na intimidade e nas graças palacianas.

Mas é possível que, se o PMDB apoia os cinco anos, deseje também um ministro mais partidário do que Bresser. O nome que os militares consideram passível de troca nesse jogo é o de José Serra. Do ponto de vista técnico, não haveria perda em relação a Bresser e, do ponto de vista político, talvez houvesse melhor acomodação. Mas é uma hipótese limite, já que nova troca de ministro da Fazenda é em geral considerada como incômodo e traumática. Precisa ser evitada ao máximo.

Bem, e na hipótese do PMDB se decidir na Convenção pelos quatro anos de mandato do presidente?

Bem, aí o esquema visualizado é do governo assumir a governança sem o PMDB mesmo. Neste caso, Bresser é que terá que se decidir, porque a disposição será dar-lhe força total e organizar uma

frente política independente no Congresso, para garantir não apenas o mandato de cinco anos na Constituição — à despeito da decisão do PMDB — mas também suporte político para um programa econômico que, neste caso, teria respaldo militar e empresarial. Assim, Bresser é que teria de romper com o PMDB.

Nesse esquema, os empresários teriam papel importante: esvaziárias lideranças sindicais da CUT, da CGT e do próprio PMDB, atraindo a massa trabalhadora para fórmulas de convivência construtiva, para o famoso "pacto", ser ter necessariamente intermediação do governo.

As lideranças sindicais mais atentas já detectaram sinais dessa disposição, daí não terem repudiado in limine as recentes propostas empresariais. Querem ficar por dentro do processo de entendimento e algumas delas enxergam aí até uma oportunidade de reduzir a força do próprio PMDB. Na medida em que o PMDB é que se radicaliza, que

provoca rompimento com o governo, e na medida em que as lideranças empresariais e sindicais se aproximam mutuamente, o que é que sobra para o PMDB? Alguns intelectuais.

De qualquer forma, respondendo à pergunta que encabeça essa nossa coluna: imediatamente sem novidades. A médio prazo — e em qualquer hipótese — haverá maior autonomia da gestão econômica governamental. A prazo mais longo, com o próprio Bresser no comando ou com um substituto definitivo para gerir o final do governo, mas numa linha não muito diferente da de Bresser.

Há certo receio quanto ao desempenho pessoal do presidente Sarney. Teme-se que seu temperamento ainda possa reconduzi-lo àquele estado de excessivo apego com o jogo miúdo, uma vez superada a ameaça de encurtamento do seu mandato. Mas parece que se preparam alguns estimulantes para combater recaídas na tentação do mero desfrute na contemplação inefável do cargo.